

estreitamente familiarizados com as poesias dêsses mesmos poetas, durante a sua trajetória terrena. Não obstante o ceticismo e o orgulho que em tôda s as épocas atrofiam a mente humana, ninguém foi capaz de negar autenticidade àquela luminosa constelação de talentos, que fluiu para a Terra através de Chico Xavier. Desde então, êsse missionário do Bem, perfazendo 40 anos de ininterrupto trabalho, vem espalhando luz e consolação através de seus livros psicografados, que já atingem a quase UMA CENTENA de títulos, com ALGUNS MILHÕES de exemplares espalhados por todo o mundo. Paralelamente, em Uberaba, onde agora reside, Chico Xavier ainda consegue tempo para dedicar-se a uma fecunda obra assistencial, traduzindo na prática a filosofia dos seus livros. As dimensões grandiosas dêste Espírito jamais poderemos aquilatar, enquanto estivermos absorvidos pelas nossas vidazinhas mesquinhos! Mas, certamente, será da mesma estirpe de outro Francisco — o de Assis — que falava às aves e enternecia o coração do irmão lôbo!

Dentre seus inúmeros livros, os romances "Paulo e Estêvão" e "Há Dois Mil Anos", ambos ditados pelo Espírito de Emmanuel e extraídos de fatos reais, despontam como autênticas obras-primas, pela perfeição literária e pelo conteúdo moral! Se é verdade (e É!) o que dizia Jesus, que "pelos frutos se conhece a árvore", certamente está de parabéns a Doutrina Espírita, que nos deu, em Francisco Cândido Xavier, um exemplo tão expressivo e fecundo, capaz de comover e entusiasmar até mesmo os mais ferrenhos adversários do Espiritismo! Por tudo o que, em nossos dias, infelizmente, se tem escrito de pornográfico e censurável, por tôda essa literatura frívola, amoral e perniciosa que envenena a mente dos jovens; por todos os livros materialistas, cínicos e oportunistas que embrutecem ainda mais a Humanidade, é que rogamos aos céus a permanência entre nós, ainda por muitos anos, de Francisco Cândido Xavier. Que outros livros nos venham através de suas mãos benfeizas e que as gerações do porvir saibam reverenciar a sua memória e beneficiar-se com o exemplo de um Homem que soube cumprir o seu dever para com Deus e para com seus irmãos menos esclarecidos. De um Homem cujo nome o Brasil espiritualizado do futuro jamais esquecerá: *Francisco Cândido Xavier — o Jardineiro da Luz!*

APARÍCIO FERNANDES^(**)

(**) Distinto jornalista, poeta e famoso trovador, residente no Rio, Est. da Guanabara.

DEPOIMENTO DE NEWTON BOECHAT: CASO CLEONE MATOS^(*)

Em 1954, alguns confrades foram a Pedro Leopoldo, no mês de agosto, a fim de tomar contato com a sessão que lá se desdobrava, numa sexta-feira e também colaborar com os comentários a fim de levantar o padrão espiritual na reunião. No pequeno grupo estavam: Newton Boechat, Rubens Romanelli, Henrique Rodrigues, José Silvério Amorim, Cleone Matos, e sua progenitora Dona Vitalina Matos. Grande assistência no Centro, muitos comentários evangélicos, tendo a sessão terminado à 1 hora da manhã. Chico Xavier, após a leitura da mensagem da noite, instruções de Emmanuel, envolvido pelo grupo remanescente, disse à Cleone Matos:

— Cleone, minha filha, você tem meditado nas coisas espirituais e orado com freqüência, ultimamente?

Dada a intimidade e a constante camaradagem entre os dois, daquele seu jeito alegre e extrovertido, Cleone respondeu:

— Por que pergunta, Chico? Você está parecendo uma coruja agourenta! — ao que o médium retrucou:

— Faço a pergunta porque no curso das horas, alguns fatos imprevistos, desagradáveis, podem ocorrer.

Diluiu-se o grupo, a pequena comitiva voltou a Belo Horizonte e uma semana depois, na parte da manhã, de um dia ensolarado, à Rua Martito, 58, no Bairro da Graça, Dona Vitalina, acometida de um colapso cardíaco, desencarnou nos braços da filha, com quem se achava a sós, na cozininha. A perturbação, o desajuste se instalaram na jovem.

(*) Depoimento prestado na residência do Autor, em Uberaba, na tarde de 20 de fevereiro de 1968. Professor Newton Boechat, eminente jornalista e lideador da Causa Espírita, residente no Rio, Est. da Guanabara.

Pânico. Confusão. A filha não sabia se deixava o corpo da genitora, que mal sustinha na cozinha, ou se vinha para a rua pedir socorro. Apareceram então algumas pessoas amigas, vizinhas, que se encarregaram do amparo moral e das primeiras providências. Com a situação acomodada, Cleone buscou contato telefônico com o Chico, fazendo-o diretamente para a Fazenda Modélo, a dois quilômetros daquela cidade onde o médium trabalhava.

Atendida a ligação pelo psicógrafo, embargada, a moça do lado de cá, disse-lhe numa quase exclamação:

— Ah, Chico! — e elle, do outro lado da linha:

— Cleone, você quer me dizer que a nossa mamãe Talina partiu, não é?

E para perplexidade dela, continuou dizendo:

— Na reunião de sexta-feira, quando se revezavam os oradores no comentário da noite, ao me desdobrar, registrei, porvidência, quando seu pai se aproximou e dando pancadinhas nas costas de mamãe Talina me disse: — “Chico, eu estou muito satisfeito porque dentro de uma semana a minha costelinha vem para o lado de cá!” O nosso Emmanuel e outras entidades lúcidas têm várias vezes nos reafirmado que esse chamado choque humano ante o inesperado da desencarnação de reflexo tipicamente material, não tem nenhum sentido no plano espiritual; existe, porém, um tipo de morte temível por aquêles que já se fizeram rumo aos Altos Planos da Vida Maior. É a morte da consciência; criaturas há que se enrijecem no orgulho, se mumificam na vaidade, se cristalizam no egoísmo e se põem deitadas em sarcófagos amoedados que mais cedo ou mais tarde o tempo desfaz. E, — coisa paradoxal —, ninguém lhes chora essa espécie de morte. O que se quer comumente, e este é o desejo das mentes concretas que vivem na aba exterior da vida, é que os seus parentes, amigos e conhecidos, embora enfermiços, e presos aos mais torturantes processos patológicos, permaneçam ao seu lado, egoisticamente retendo-os porque ainda ignoram, insensíveis, que a vida é uma contínua desmaterialização de formas, rumo a um centro conceptual que está no Infinito.

RECADO DE COLABORADOR^(*)

“Meu caro irmão Leopoldo Machado:

Numa palavra: sou seu amigo e companheiro de labor, tendo trabalhado junto de você na organização de seu TEATRO ESPIRITUALISTA. Deus o proteja. Para identificar-me, direi que desencarnei na cidade de S. Vicente, em São Paulo, no dia 24 de julho de 1907. Tive aí um destino bastante infeliz. Era escrivão do juiz de paz, e fora de minhas atividades do trabalho diário, era amador da arte dramática. Deus o proteja e abençoe. Ainda haveremos de realizar muito com Jesus e por Jesus.

VIRIATO DE MESQUITA BASTOS.”

No caso presente, não apenas o médium Chico Xavier desconhecia o comunicante, quanto o próprio Leopoldo Machado a quem o bilhete fôra dirigido.

Eis as palavras finais de Leopoldo:

“A identificação foi completa.

E vamos por aí afora, trabalhando com Jesus e por Jesus, felizmente”.

(*) Leopoldo Machado, «Graças sobre Graças», com prefácio de Carlos Imbassahy, Edição do Autor, 1952, pág. 132. Leopoldo Machado, renomado poeta e escritor, além de paladino da Seara Espírita, desencarnado em Nova Iguaçu, Est. do Rio.